

Ano XX nº 5861 – 26 julho de 2018

Nada de novo na negociação com a Fenaban

Acabou sem propostas concretas a quarta reunião entre o Comando Nacional dos Bancários e a Federação Nacional dos Bancos, realizada ontem (25/07), em São Paulo. Os trabalhadores levaram para a mesa, as demandas referentes ao emprego, mas os patrões só deram respostas evasivas sobre o assunto.

Para começar, negaram a garantia de emprego, afirmando que o setor bancário é o que menos demite no país. Para a Fenaban, as vagas fechadas nos últimos dois anos, são, em sua maioria, reflexos dos Programas de Demissões Voluntárias, especialmente nos bancos públicos. O Comando ressaltou que os PDVs são frutos de uma política de governo e que o trabalhador é, praticamente, obrigado a aderir, devido às circunstâncias. A Fenaban não se comprometeu também com a manutenção da gratificação/comissão do trabalhador que exercer a função por mais de dez anos. Os bancos dizem que a questão é sensível e que não faz sentido continuar pagando por uma tarefa que o bancário não está mais exercendo. O Comando insistiu na importância da manutenção da estabilidade econômica dos funcionários nestas condições, mas disseram que continuariam debatendo o tema. Nada de avanços também na questão dos correspondentes bancários. O Comando defendeu que os funcionários sejam considerados bancários, com os mesmos direitos, mas os bancos não consideram esta hipótese.

Sobre a terceirização, as empresas afirmam que o processo é fruto da evolução da atividade econômica, ressaltando que não pretendem substituir bancários por terceirizados, autônomos ou trabalho intermitente, no entanto, não aceitam colocar isso no Acordo Coletivo de Trabalho. Outra coisa com a qual a Fenaban não quis se comprometer foi com a homologação das demissões apenas nos sindicatos.

Foram discutidas ainda questões como banco de horas, trabalho em home office, agências digitais. A próxima rodada de negociação acontece no dia 1º de agosto e tratará das cláusulas econômicas e sobre igualdade de oportunidades.

Santander lucra 5,9 bilhões no primeiro semestre de 2018

Todo mundo sente os efeitos da crise econômica e da política de austeridade imposta pela agenda neoliberal, menos os bancos que têm tido lucros recordes. O Santander, primeiro a divulgar o balanço do semestre, obteve um Lucro Líquido Gerencial de R\$ 5,884 bilhões. Enquanto, a empresa espanhola enche os cofres, funcionários e clientes passam por maus bocados. Os bancários têm de lidar com uma rotina de trabalho louca, com metas, pressão, assédio moral, ameaça de demissão. Um ambiente realmente doentio. Já os correntistas pagam tarifas e juros absurdos e não têm nem sequer atendimento de qualidade.

O descaso é comprovado quando se analisa a carteira de clientes, que teve crescimento de 23% em 12 meses, enquanto que o quadro de pessoal teve queda. Entre janeiro e maio foram mais de 500 demissões. O cenário poderia ser outro, se houvesse atenção ao ser humano. Mas, para os bancos trabalhador e cliente são apenas números. Uma prova é o descaso com que tratam a campanha salarial. Algumas negociações aconteceram até aqui, mas sem muitas novidades. Proposta? Só no dia 1º de agosto.



Contraf-CUT cobra mudanças no SQV do Itaú Unibanco

A Comissão de Organização dos Empregados (COE) do Itaú se reuniu com o banco na terça-feira (24) para obter informações sobre Score de Qualidade de Vendas (SQV). O objetivo era entender porque tantos trabalhadores estão sendo penalizados após a implantação do sistema, muitas vezes sem ao menos saber o porquê da punição.

Os trabalhadores também questionaram a transparência e reclamaram dos problemas de saúde que podem ser gerados pelo programa de avaliação de qualidade dos serviços implantado pelo banco, devido à pressão para o cumprimento de metas e pelo risco de demissão.

Segundo o banco, o programa foi implementado para evitar vendas casadas, fraudulentas aos clientes depois de receber diversas reclamações de clientes que alegavam não ter adquirido determinados produtos, mas os terem os valores descontados de suas contas. Uma central proativa liga para os clientes para confirmar, ou não, o interesse na aquisição do produto, ou serviço. No caso de não confirmação, a venda é cancelada e o funcionário é penalizado e seu nome é adicionado na tabela que aponta as penalizações. Os pontos são mantidos na tabela por 12 meses. Outra preocupação da COE é com a Ação Gerencial Itaú para Resultados (AGIR) e as influências do SQV sobre ele. Os resultados da AGIR são utilizados para definir a avaliação de desempenho dos funcionários e, consequentemente, suas remunerações pelos programas próprios de remuneração.

O diretor do SindBancários Petrópolis e funcionário do banco, Sávio Barcellos, participou da reunião em São Paulo.